

● *fernando*

Sabino

O grande mentecapto

*Relato das aventuras e desventuras
de Viramundo e de suas
inenarráveis peregrinações*

Romance

NOVA ORTOGRAFIA

BS
BestSeller

*O grande
mentecapto*

Sabino • fernando

O grande mentecapto

*Relato das aventuras e desventuras
de Viramundo e de suas
inenarráveis peregrinações*

1ª edição

BS
BestSeller

Rio de Janeiro | 2018

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Sabino, Fernando, 1923-2004

S121m O grande mentecapto / Fernando Sabino –
1ª ed. 1ª ed. – Rio de Janeiro: BestSeller, 2018.

1. Romance brasileiro. I. Título.
ISBN 978-85-465-0100-7

82-0684 CDD – 869.93
CDU – 869.0(81)-31

Capa: Victor Burton

Proibida a reprodução integral ou parcial em livro ou qualquer
outra forma de publicação sem autorização expressa do autor.
Reservados todos os direitos de tradução e adaptação.
Copyright © 1989 by Fernando Sabino.

Este livro foi revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos desta edição reservados à EDITORA BEST SELLER
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000

Impresso no Brasil

ISBN 978-85-465-0100-7

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se em www.record.com.br e receba
informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002



Todo aquele, pois, que se fizer pequeno como este menino,
este será o maior no reino dos céus.

Mateus, XVIII, 4

SUMÁRIO

CAPÍTULO I

De como Geraldo Viramundo, tendo nascido em Rio Acima, foi parar no seminário de Mariana, depois de virar homem, levado por um padre que um dia passou por lá. / 9

CAPÍTULO II

Onde não se conta nada do que se passou com Geraldo no seminário de Mariana, mas se explica como ele saiu de lá e se tornou Viramundo. / 33

CAPÍTULO III

Da controvérsia existente em torno do nome de Geraldo do Viramundo, e da sua longa viagem de Mariana a Ouro Preto, onde conheceu aquela que viria a ser a sua amada a vida inteira. / 53

CAPÍTULO IV

De como Viramundo colheu rosas e espinhos em Barbacena, indo parar num hospício de onde logrou fugir, graças a uma treta bem-sucedida, e acabou candidato a prefeito da cidade. / 83

CAPÍTULO V

Das mirabolantes aventuras de Viramundo no Esquadrão de Cavalaria em Juiz de Fora e das suas façanhas durante as manobras militares, que acabaram por devolvê-lo à vida civil. / 109

CAPÍTULO VI

Da passagem musical de Viramundo por São João del Rei, sua estada na prisão de Tiradentes e o crime de João Tocó, até a crise espiritual que o levou à desesperança em Congonhas do Campo. / 139

CAPÍTULO VII

Onde Viramundo, depois de pegar touro à unha em Uberaba, vai de Ceca em Meca para cumprir o seu destino, reverenciando a literatura mineira, passando a noite com um fantasma e quase morrendo por uma mulher. / 169

CAPÍTULO VIII

Viramundo, em Belo Horizonte, entre retirantes, mulheres, doidos e mendigos, cumpre o seu destino. / 197

EPÍLOGO / 229

BIBLIOGRAFIA / 235

CITAÇÕES E REFERÊNCIAS EM *O GRANDE MENTECAPTO*
APRESENTADAS PELO AUTOR / 237

SOBRE O AUTOR / 251

CAPÍTULO I

De como Geraldo Viramundo, tendo nascido em Rio Acima, foi parar no seminário de Mariana, depois de virar homem, levado por um padre que um dia passou por lá.

O VERDADEIRO NOME de Geraldo Viramundo, embora ele afirmasse ser José Geraldo Peres da Nóbrega e Silva, era realmente Geraldo Boaventura, e assim está lançado no livro de nascimentos em Rio Acima. Seu pai, um português, tinha vindo para o Brasil em 189***, na primeira leva de imigrantes que sucedeu ao decreto de nova política imigratória da República recém-proclamada, e se casou no Rio com uma italiana naquele mesmo ano. Como ele foi acabar morando em Rio Acima, só Deus sabe.

Boaventura tinha junto à estrada sua casinhola, à frente da qual duas portas se abriam para o pomposamente chamado “Armazém Boaventura — Secos e Molhados”, não mais que uma venda, de cujos proventos vivia a família toda — e eram treze filhos. Geraldo vinha a ser o caçula. Quando nasceu, o pai, temendo a crise que se sucedeu então à Guerra Mundial, cujas consequências poderiam chegar até Rio Acima, adotou nova

política com relação à Dona Nina, sua mulher. Ou, mais precisamente, com relação às suas relações: deixou de fornicar com ela até que as coisas melhorassem. Já não era pouco ter de cuidar de treze meninos, que iam crescendo moleques de beira de estrada.

A estrada de Belo Horizonte ao Rio passava pela sua porta. Com o correr do tempo ela ia derrotando como fonte de renda a cidadezinha, onde logo se fez sentir a esmagadora concorrência de um grande empório aberto por uns italianos já donos da olaria. Mas a estrada era também a maior fonte de preocupações do casal. Nada direi com relação aos outros filhos, senão na medida em que participaram mais diretamente da infância de Geraldo, que é de quem cuida a nossa história. Este, tão logo se fez gente e capaz de equilibrar-se nas próprias perninhas, começou a trazer os pais em constante preocupação por causa da estrada. Construída junto a uma simples picada (o pai não tinha ainda seu negocinho, e trabalhava na olaria), a casinha acabou ficando com a estrada à sua porta. Por um triz os engenheiros com seus traçados e mapas não levaram de cambulhada com árvores, pedras e barrancos a morada do Boaventura. (Corria em Rio Acima que ele viera para o sertão de Minas com a mulher, fugindo das autoridades imigratórias que queriam mandá-los de volta; outros diziam que ele fugia era da justiça, por causa de um crime, cometido ainda a bordo. Mas tudo isso não passava de conjectura, e nenhuma importância tem para o nosso relato.) De tal maneira ficou sendo a estrada parte integrante da casa, que a filharada do casal cresceu toda no meio dela. Um dos filhos, dizem que quase nasceu na estrada, quando Dona Nina, já no nono mês, sucumbiu ao peso de um feixe de lenha; outro, contudo, o mais velho, é certo que foi gerado ali, exatamente junto à curva, quando nem casa nem

estrada havia. No princípio só passavam por ela carros de boi e outras vagarosas viaturas de tração animal, que de longe se avistavam, dando sinal de alarme e pedindo passagem. Mas logo começaram a trafegar os primeiros automóveis, e os meninos fugiam como galinhas, para voltar em seguida. Às vezes um carro se detinha e, sob o olhar de curiosidade da meninada, os viajantes pediam água, ou compravam qualquer coisa e seguiam, levantando poeira.

Apesar da estrada, que ele já apanhou bastante mais movimentada e atraente, a infância de Geraldo Viramundo transcorreu como a de seus irmãos. Como seus irmãos ele comeu terra, botou lombrigas, arreventou cupim para ver como era dentro, seguiu as formigas para ver aonde iam, misturou açúcar com sal no armazém, furtou garrafa de guaraná e depois mijou dentro botando no lugar para o pai não descobrir, brincou com fogo e mijou na cama, brincou de pegador, tic-tac carambola, este dentro e este fora, matou passarinho com bodoque, enterrou ovo choco e fez fogo em cima para ver se nascia pinto, foi mordido de marimbondo e ficou de cara inchada, amarrou lata vazia em rabo de gato, fez galinha dançar em cima de lata quente, contou com o ovo no rabo da galinha, enfiou o dedo no rabo dela, teve sarampo, catapora, caxumba e coqueluche, pegou sarna para se coçar, correu de boi bravo, botou cigarro na boca de sapo para ele fumar até rebentar, se escondeu na cesta de roupa suja para ver a irmã mais velha tomar banho, quis pegar a irmã mais nova e depois teve remorso, perdeu a virgindade numa cabrita, fugiu de casa e apanhou e por isso tornou a fugir e por isso tornou a apanhar, construiu casinhas de barro, caiu da árvore e se machucou, comeu manga com leite e adoceceu, contou as estrelas do céu e ficou com ber-

rugas, pegou carona em caminhão, aprendeu a ler na escola, fez do travesseiro o corpo da professora, teve medo do João Carangola que fugiu da prisão e gostava de menino, assobiou e chupou cana ao mesmo tempo, fumou cigarro de chuchu, fez coleção de favas, foi à missa aos domingos, assistiu a fita de Tom Mix, Buck Jones e Carlito no cineminha da cidade, apanhou bicho-de-pé, pisou em urina de cavalo e ficou com mijação, armou arapuca no mato, jogou futebol com bola de meia, teve dor de dente de noite, foi coroinha na igreja, contou quantas vezes fazia coisa feia para se lembrar na confissão, procurou não mastigar a hóstia para que não saísse sangue, fez flautinha de bambu, ficou preso pela piroca num gargalo de garrafa, molhou o pijama de noite e teve medo de estar doente, ficou com pedra na maminha e perguntou à mãe o que era, se apaixonou pela filha mais velha dos italianos do empório, tirou o cavalinho da chuva, pensou na morte da bezerra, chorou escondido, teve medo, descobriu que o céu era imenso, teve vontade de morrer, ficou acordado de madrugada ouvindo o galo cantar sem saber onde, sentiu dores nos culhões, comeu a negra Adelaide e virou homem.*

NÃO POSSO FAZER Geraldo Viramundo virar homem sem antes falar no rio. Só quem passou a infância junto a um rio pode saber o que o rio significava para ele. Eu, como não

*À margem das anotações recolhidas durante minhas pesquisas sobre a vida de Geraldo Viramundo, há uma rubrica de meu próprio punho que diz: “O episódio da negra Adelaide merece ser contado.” Mas isto faz tempo que anotei, e não me lembro absolutamente o que apurei na época sobre a negra Adelaide, naquilo que concerne ao nosso herói. (N. do A.)

passsei a minha, não posso saber. Sei só que Geraldo, mal acabava a aula na escola, saía correndo feito doido em direção ao rio, do outro lado da cidade. Às vezes iam com ele alguns companheiros, os irmãos; às vezes ele ia só. Lá chegando, tirava a roupa toda e se atirava n'água, mesmo que estivesse fazendo frio. Quando outros iam com ele, ficavam brincando de se empurrar, fazer guerra de água, mergulhar para passar debaixo das pernas uns dos outros ou simplesmente para fazer borbulha. Os mais corajosos conseguiam cruzar a correnteza a nado e atingir a outra margem. Um dia um menino morreu afogado, um negrinho chamado Brejela, mas nesse dia Geraldo Viramundo não estava lá, e portanto nada tem a ver com a nossa história. Quando ele ia só, em vez de pular de uma vez dentro d'água, ia entrando devagarinho, enterrando-se até a canela no barro viscoso do fundo. A água, em geral gelada, fazia seu corpo estremecer num arrepio que subia, subia... e era disso que ele mais gostava. Quando suas pernas estavam quase desaparecidas por completo na superfície barrenta, o arrepio já na altura da virilha, ele em geral parava. O frio, cortante como navalha, parecia separá-lo em dois, como se as pernas fossem independentes do resto do corpo. Olhava para cima, para o céu que escurecia com o sol posto, e para baixo, para o próprio sexo que mal tocava a superfície, encolhido como um passarinho a beber água. Retardava o mais possível o momento de se molhar completamente, porque sabia que no fim o frio acabava lhe dando uma sensação de prazer tão aguda como a dor. Só então se atirava de cabeça, mergulhando. Nadava para o meio do rio, mergulhava de novo e lá embaixo abria os olhos. Não enxergava nada, senão um vermelho escuro, grosso, impenetrável. O corpo largado ao sabor da correnteza se enredava nos ramos mais

compridos das plantas do fundo, enquanto um rumor longínquo se fazia ouvir surdamente, como uma cachoeira submersa. Ele soltava o resto do ar e descia mais, tocando às vezes o fundo arenoso com os pés. Seus cabelos subiam, frouxos, abrindo-se feito uma planta monstruosa. Enquanto isso ele contava mentalmente: um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, vendo quanto tempo aguentava ficar sem respirar. Jamais contava menos de vinte, era uma questão de honra. Em geral chegava a trinta. Então ganhava rápido a superfície, sabendo que um segundo mais e morreria. Não podia tolerar a ideia de que o homem não conseguisse ficar debaixo d'água o tempo que quisesse, como os peixes. (Da ideia de que o homem um dia pudesse voar como os pássaros já tinha desistido, desde que viu pela primeira vez um avião.) Já na tona, percebia que a correnteza o arrastara para muito longe, que escurecera quase por completo e que no céu as primeiras estrelas brilhavam. A maior delas incidia diretamente sobre a água, multiplicando-se em reflexos, como se subisse o rio. Ele nadava, nadava, em sua perseguição, mas ela se afastava sempre. As árvores se aglomeravam em sombras nas duas margens, e não se ouvia senão o mugido distante de um boi, não se via senão o céu, com a estrela maior luzindo. Ele erguia os olhos para a estrela, agitando os braços n'água, e gritava com todas as suas forças: “Estreeeela! Olha eu aqui, estrela! Estreeeeela!” Ou simplesmente acenava-lhe com a mão, em despedida. E sentindo a solidão como uma força, dono do mundo e de si mesmo, soltava gargalhadas, antes de nadar para a margem. Depois voltava para as suas roupas, a correr, trêmulo de frio e de medo da escuridão. Em geral, ao chegar em casa, depois de todos já terem jantado, levava uma surra de chinela de Dona Nina e ia para a cama sem comer.

POR FIM, O TREM DE FERRO. O trem não parava em Rio Acima naquela época. Mas ainda assim sua existência era um deslumbramento para a molecada. Todos sabiam exatamente a hora que ele passava, e iam postar-se na estrada, no alto dos barrancos, junto à cerca de arame farpado, a esperá-lo, grandioso espetáculo diariamente repetido. Apostavam para saber quem é que iria vê-lo primeiro, colavam o ouvido no trilho para ouvir o ruído das rodas. Assim que alguém dava o alarme, todos se colocavam em posição e dentro em pouco uma fumacinha apontava longe, rolava no ar um ruído em crescendo e finalmente a locomotiva surgia lá embaixo, na curva da estrada.

— Hoje não apitou na curva! — um deles protestava, sem tirar os olhos da máquina. E o trem passava como um raio, num estrondo de ensurdecer, cobrindo o céu de fumaça, agitando loucamente as plantinhas das margens, fazendo os dormentes estremecerem no cascalho negro da estrada. Mal se podia ver quem ia nas janelinhas dos carros que, vidros brilhando ao sol, se sucediam vertiginosamente. Apesar disso, os que estavam embaixo corriam ao lado do trem, desatinados, enquanto os mais bem situados, em cima dos barrancos, com mais perspectiva, se limitavam a dar adeuses e bananas para os passageiros. Geraldo Viramundo, isolado num canto, ficava só olhando, olhando. Logo o trem ia se afundando na distância, levando consigo o barulho, a fumaça e a alegria dos meninos. Ficava no ar um vazio, que era o trem já ter passado sem que nada acontecesse de diferente, só restando esperar pelo dia seguinte.

O despeito maior de Geraldo Viramundo era o trem de ferro não parar em Rio Acima. Por que será que ele não parava?*

*Consta que a estação da Central foi inaugurada em 1890, o que não deixou de trazer algum impulso ao lugar. O certo é que, à época dos fatos aqui narrados, o trem não parava lá, sendo esta, mesmo, a causa do episódio que se segue. (*N. do A.*)

— Porque não tem estação — respondeu um de seus irmãos, quando um dia Geraldo propôs a questão ao grupo.

— Não tem estação o quê! — falou outro. — Aquilo lá não é estação?

E apontou para a casinha de um só quarto junto à estrada, onde estava escrito em letras pretas: RIO ACIMA.

— É porque não tem ninguém para tomar o trem.

Mas um terceiro destruiu também esta explicação:

— Não tem ninguém para tomar o trem porque o trem não para.

Ninguém ficou sabendo por que o trem não parava. Geraldo Viramundo calado, sem ouvir, pensando, pensando.

— Eu sei por que o trem não para.

Todos se voltaram para ele.

— Não para porque o maquinista não quer.

Um “oh!” prolongado exprimiu o desapontamento geral.

Geraldo Viramundo acrescentou, como se falasse para si mesmo:

— Mas se *eu* quiser, ele para.

Viu-se logo cercado de carinhas curiosas ou céticas. Ninguém sabia que misteriosa conexão poderia haver entre ele e o maquinista. Desafiavam:

— Deixa de conversa...

— Para nada...

— Nem se você deitar na linha ele para.

Alguém se lembrou de um boi que tinha sido esartejado pela locomotiva ali mesmo, na curva — o que provava de maneira definitiva a impossibilidade de fazer o trem parar.

— Pois vocês vão ver...

Ficou tudo combinado, as apostas foram feitas. No dia seguinte, muito antes da hora em que o trem costumava passar, eles já tinham ido para junto da linha. Eram ao todo quinze: Dino, Zezico, Toninho, Vivi, Jacaré, Celito, Naná, João Mãozinha, João Piçudo e João Molenga, Pingolinha, Bertoldo e Nazaré — estes dois últimos irmãos de Geraldo — e duas meninas, a Cremilda, filha da professora e amada de todos eles, e a negrinha Salomé. A notícia da aposta com Geraldo Viramundo tinha se espalhado depressa, pois ele punha em jogo a sua afamada coleção de bolinhas de gude. Apostavam contra ela, respectivamente: um bodoque, um canivete com saca-rolha, uma fivela de cinto, outro bodoque, cinco botões de madre-pérola, uma manga-espada, um estojo com lápis e borracha, outro bodoque, três bombinhas de São João e uma tira de espanta-coió, um vidro cheio de vaga-lumes, um pacotinho de pastilhas de hortelã-pimenta, um pião com a feira, um canudo de lata, um beijo na boca e uma bexiga de boi — de acordo com as posses de cada um.

Geraldo Viramundo chegou com os bolsos cheios de bolinhas de vidro (nunca perdeu de ninguém na birosca), passou por baixo da cerca de arame farpado e subiu o barranco onde os outros já esperavam. De propósito tinha deixado que eles viessem antes, para dar mais importância ao acontecimento.

— Que é que você vai fazer? — alguns perguntaram.

Não se dignou de responder. Exigiu, antes, que enfileirassem na pedra grande do barranco tudo que eles apostavam. Menos a Cremilda, que perderia um beijo, segundo Geraldo tinha estipulado, porque senão não haveria nada.

— E você? — Cremilda quis saber. — Que é que você perde?

— Perco minhas bolas, já não falei? Dá mais de dez para cada um.

— Quero lá saber de bola de gude? — desafiou a menina, mãozinhas na cintura.

Geraldo riu:

— Então perco um beijo também, pronto.

E deu-lhes as costas, foi examinar um por um, com atenção, os objetos enfileirados em cima da pedra. Deteve-se num bodoque malfeito, de forquilha grande e torta.

— Isso é bodoque mais aonde! Não quero não.

João Molenga fez logo cara de choro.

— Tá bem, seu fresco, eu aceito: não é preciso chorar não.

Naná, o mais velho de todos, se adiantou:

— Não chama ele de fresco não, que ele é meu irmão.

— Merda pra você e pra ele.

A importância de Geraldo atingiu o auge naquele momento. Ninguém nunca tinha mandado Naná à merda sem ir também logo em seguida, e depois de apanhar na cara. Era o que provavelmente aconteceria, se alguém não tivesse gritado:

— Tá na hora! Evém o trem!

Ao longe apontava a primeira fumacinha, já conhecida. Viramundo desceu o barranco aos pulos, enquanto a molecada se ajeitava lá em cima. Escorregou para o leito da estrada, ouviu no ar o ruído da locomotiva cada vez mais forte. Ela já surgia lá longe, na curva, apenas uma mancha negra aumentando, aumentando. Geraldo Viramundo saltou sobre os trilhos, pulou dois dormentes e se postou sobre o terceiro, firme, pernas separadas, bracinhos erguidos. Os meninos lá em cima gritavam de horror, alguns fugiram, outros esconderam a cara.

— Sai, Geraldo! Sai! — berrou apavorado o Bertoldo, seu irmão.

A máquina, ameaçadoramente visível e crescendo como um demônio, apitou pela primeira vez. Depois apitou outra, mais outra — Geraldo Viramundo olhou para ela pela última vez e fechou os olhos, sentindo o dormente vibrar sob seus pés. O apito agora era continuado, as rodas rangiam nos trilhos, o barulho perdia o ritmo numa desordem de silvos e entrechoque de ferros. Geraldo, braços ainda erguidos, lembrou-se de prometer vinte ave-marias e vinte padre-nossos se o trem parasse — não se ele não morresse, mas se o trem parasse — e foi a última coisa de que se lembrou. Os freios rinchavam doidamente, a máquina esguichava fumaça e vapor por todos os lados, perdendo velocidade, já se podia distinguir o braço do maquinista do lado de fora em frenéticos sinais. Embora quase devagar, a locomotiva, a resfolegar como um touro enfurecido, já estava tremendamente perto quando se deteve, num arranque último e mais forte, que fez se chocarem com violência os carros uns nos outros do primeiro ao último.

No alto do barranco os meninos naquela sarabanda de emoção espivavam, pálidos, boquiabertos, desfigurados — os poucos que tiveram coragem de olhar. Geraldo Viramundo abriu devagarinho os olhos e viu de perto, a menos de dez metros, aquela máquina preta e enorme, avassaladora, a muralha de ferro do limpa-trilhos, o vidro do farol brilhando como o olho de Deus, aquele arfar incessante do monstro derrotado. Sentiu subir dentro de si uma onda de entusiasmo, agitou loucamente os braços, pulando sobre o dormente:

— Ele parou! Ele parou, pessoal! Ele parou!

O maquinista, no seu macacão riscadinho e sujo de carvão, descia com dificuldade a escadinha, seguido do foguista, enquanto das janelas dos carros cabeças assustadas e curiosas assomavam, no meio de um perguntar incessante: que aconteceu? que aconteceu?

— Menino filho da puta, eu te ensino! — gritava o maquinista, ganhando o chão, mas ninguém ouviu, tamanho era o ruído da caldeira, esguichando vapor e água fervente na estrada. Geraldo Viramundo saiu pulando de dormente em dormente e parou mais adiante, enquanto o maquinista tentava alcançá-lo, gemendo de dor, pois levava uma esguichada de vapor nas canelas.

— Parou, pessoal! Eu não disse que parava? Parou!

Já não podia mais de alegria. Dançava sobre o carvão miúdo da estrada, como um doido. Depois ganhou o barranco com um salto, no justo momento em que o maquinista ia alcançá-lo. Quase foi apanhado pela perna, mas nem viu seu perseguidor. Corria agora ao longo do barranco, se aproximando dos companheiros. Num último olhar de orgulho para a máquina lá embaixo, se deteve bem no alto e bateu no peito:

— Eu! Eu fiz o trem parar!

Retirou do bolso as mãos cheias de bolinhas de vidro de todas as cores, jogou-as para cima:

— Toma, negrada! Não quero aposta nem nada! Quantas bolas quiserem! Todas, todas! Parou, vocês viram? Eu disse que parava!

E mediu com o olhar o tamanho do comboio, como se avaliasse a extensão de sua façanha. A seus pés, o maquinista tentava subir o barranco, enlouquecido de raiva, vermelho, suado, aos palavrões. O chefe do trem se aproximava:

— Que foi? Que aconteceu? Por que você parou?

— Foi essa peste de menino que ficou na linha!

Alguns passageiros tinham descido dos carros para vir espiar. Geraldo Viramundo desbarrancou com o pé descalço um pouco de terra sobre a cabeça do maquinista. Os meninos já fugiam pelo pasto, com medo do chefe do trem. Na pedra grande não tinha ficado um só objeto. Ninguém pensou na hora em recolher as bolinhas, todos pensaram em voltar para buscá-las depois. Geraldo Viramundo nem olhou o que se passava na estrada: ignorou o chefe do trem e o foguista que já subiam o barranco, para apanhá-lo, cada um de um lado, e enfiou-se pela cerca de arame farpado, ganhou também o pasto. Na fuga, passou pelo Pingolinha, que corria com dificuldade com suas perninhas tortas.

— Corre, Pingolinha! — gritou alegremente.

Do outro lado do pasto, junto do campo de futebol, avistou Cremilda no seu vestidinho curto, encostada numa árvore, olhando para todos os lados, pálida, ofegante, transfigurada de medo.

— Cremilda!

Acercou-se dela correndo, segurou-lhe o rosto com as duas mãos:

— Cremilda, eu quero o meu beijo.

A menina só teve tempo de encará-lo com olhos enormes. Ele beijou-a com tanto ímpeto que os dois rolaram no capim, abraçados.

— Mais, Cremilda, mais!

E tornava a beijá-la, às gargalhadas. Cremilda chorava.

Mais tarde, a caminho de casa, Geraldo Viramundo se lembrou dos dois irmãos que já deviam ter chegado, e era provável

que contassem tudo para os pais. Estremeceu de medo, achou que talvez fosse melhor chegar de noitinha, e persignou-se. Então se lembrou da promessa de vinte ave-marias e vinte padrenossos. Resolveu rezar cinquenta, caso desta vez não apanhasse.

Rezou vinte.

MAS O PIOR NÃO FOI ISSO. O trem acabou indo embora, para não aumentar o atraso, e tudo parecia indicar que o caso não teria maiores consequências. No dia seguinte Geraldo Viramundo era um herói na escola. Até a professora, mãe da Cremilda, já sabia da proeza, e, para aumentar-lhe a glória, passou-lhe um pito em plena aula. Depois o caso se espalhou pela cidade e de noite no botequim os homens contavam uns para os outros. Quando encontravam o Boaventura, gracejavam:

— Aquele seu filho é de fazer parar o trem.

No princípio o português ficava aborrecido e prometia mentalmente dar no filho mais umas surras adicionais, por conta da fama que o caso ganhou. Acabou, porém, se sentindo intimamente envaidecido, embora não o confessasse. E dizia para a mulher:

— Esse menino às vezes me deixa admirado. Ele tem qualquer coisa que eu não sei não.

Quando Geraldo Viramundo passava pela olaria, os operários apontavam:

— Lá vai o moleque que fez o trem parar.

E muitos perguntavam a ele se era verdade, como é que tinha sido. Geraldo, em vez de se entusiasmar, não contava nada e concluía, pensativo:

— Esse povo é meio bobão.

Acabou tomando raiva do caso, que deu que falar durante algum tempo. Mas num domingo o Pingolinha, o menor de todos que o haviam presenciado (tinha cinco ou seis anos) e que ficara numa admiração sem limites pelo Geraldo Viramundo, resolveu imitar o seu herói: tomou por testemunha outro molequinho da mesma idade, e foi para a estrada de ferro fazer parar o trem. Um terceiro que ficou com medo de ir denunciou ao pai:

— O Pingolinha foi lá no trem de ferro fazer ele parar.

— Quem é “Pingolinha”, menino?

O homem, logo que entendeu o que o filho dizia, saiu correndo afobado a avisar Seu Gervásio, o sapateiro, pai do Pingolinha. Alguém mais já chegava dizendo:

— Vi seu filho com um outro passando a cerca lá perto da estrada.

O sapateiro, que mesmo sendo domingo estava trabalhando, largou a sola e o martelo, na pressa entornou uma caixa de pregos e saiu desatinado. Em pouco todo mundo na rua sabia e foi também para lá, engrossando uma pequena multidão. O trem sempre passava às três e quinze, três e vinte da tarde, com os atrasos. E o sino da matriz tinha acabado de bater três horas.

Avistando de longe o negro Tobias, encarregado da estrada, Seu Gervásio gritou, aflito, enquanto corria pelo pasto, cortando caminho:

— Ô Tobias, o trem já passou? O trem já passou?

Já tinha passado. Naquele dia o trem não se atrasou.

Uma hora mais tarde o sapateiro voltava pela picada, caminhando devagar, como um autômato, e seguido pelos outros como numa pequena procissão, a carregar nos braços, enrolado

no próprio avental, o que restava do corpo do Pingolinha. Não via nada, olhos imóveis e saltados, não ouvia nada, embora os outros falassem baixinho com ele, tentando consolá-lo, tirá-lo o filho dos braços.

Eram sete horas e já estava escuro, enquanto continuava a chegar gente na casa do Seu Gervásio, no fundo da sapataria. Era uma casa de chão de tijolo e coberta de telha vã. Havia duas velas acesas e uma coisa informe embrulhada em cima da mesa. O vigário já estava lá, acabando de improvisar um altarzinho. A um canto as mulheres puxavam o terço. Os irmãos do Pingolinha espiavam da porta do quarto, uma escadinha de moleques de pé descalço, sujos e barrigudos: olhavam admirados para o lençol enrolado sobre a mesa, sem saber o que continha. A mãe chorava baixinho, recostada no ombro de outra mulher. Entre os homens mais afastados, corria de mão em mão uma garrafa de cachaça, e um rumor se engrossava:

— ...se não fosse ele.

— ...peste de menino.

— ...é coisa que se invente? Só com o diabo no corpo.

— ...e em vez do filho da mãe morrer, quem morre é o outro.

— ...que não tinha nada com isso.

— Que não tinha.

Alguém de repente perguntou:

— E por que será que o Boaventura não veio?

— Português safado: não teve coragem de vir.

Este era um que devia na venda do Boaventura. Mas a onda ia aumentando e em pouco um mais exaltado gritava:

— Pois vamos lá saber por que é que ele não veio.

E saiu à rua. Os outros o seguiram, a sala se esvaziou. O sapateiro quieto num canto, sem ver nada, sem falar nada, lágrimas escorrendo pela cara, fazendo brilhar as cerdas brancas da barba. O vigário correu para a porta:

— Não façam isso! Onde é que vocês vão?

Ninguém respondeu. Ganharam a estrada e tocaram para a casa do português. Eram nove horas e o caminho estava escuro, não se enxergava nada. Dois faróis rasgaram a noite, uma buzina pediu passagem e logo o caminhão se perdeu na escuridão com suas luzinhas vermelhas a caminho de Belo Horizonte. Os homens retomaram a estrada e continuaram, envoltos numa nuvem de poeira, cada vez mais excitados, dispostos a tudo.

Boaventura não tinha ido simplesmente porque não sabia de nada. Como era domingo, tinha fechado a venda e assim ninguém esteve lá, ninguém lhe contou. Mas de nada adiantaram suas explicações. Os homens falaram alto, xingaram, cobriram de insultos toda a sua família. Só não acabaram depredando a casa dele e saqueando a venda porque de repente começou a cair uma chuva grossa, que os botou em debandada. Tremendo de raiva e humilhação, o português entrou de novo em casa, apanhou o chapéu e o guarda-chuva e tornou a sair.

No quarto, enquanto os irmãos dormiam, Geraldo Viramundo tinha ouvido tudo: a discussão lá fora na estrada e a gritaria dos homens o acordaram. Quando ouviu falar no trem de ferro, fora escutar da janela, escondido. Achou a princípio que ainda era o seu caso que tinha começado a dar complicação. Mas ficou sabendo logo que o trem tinha apanhado o Pingolinha. Sentiu de modo confuso que os homens lá fora o culpavam disso, culpavam seu pai. Voltou para a cama e chorou quase a noite toda.

No dia seguinte foi o enterro. Para espanto de todos, o Boaventura compareceu com a mulher e a filharada, todos calçados e arrumadinhos. Geraldo Viramundo usava uma roupa de brim ordinário, já meio apertada para ele. O pai havia estado na casa do sapateiro na noite anterior, e lá não encontrou mais ninguém: os outros se abrigaram da chuva no botequim, e o velório passara a ser feito de longe.

Aos dez anos de idade Geraldo Viramundo viu um enterro pela primeira vez.

COM O TEMPO o acontecimento foi sendo esquecido. No princípio perdurou na cidade certa animosidade contra o Boaventura, como se seus filhos fossem responsáveis pelo que de mal acontecia com os filhos dos outros. Os fregueses da venda diminuíram. Mas nem assim o português, que agora fornecia mantimentos para várias localidades vizinhas, deixava de ir lentamente prosperando. Breno, o filho mais velho, ajudava no armazém, e a estrada, cada vez mais movimentada, fazia o resto. Um belo dia, sem que ninguém soubesse como, Boaventura encomendou a construção de um bangalô na cidade. E os amigos foram voltando.

Geraldo Viramundo, que suportou a importância de ser ovelha negra entre os meninos da cidade, foi-se tornando de novo a figura apagada que corria pelos pastos, tomava banho no rio, empinava papagaios. Mas nunca mais se misturou com os outros. Afastou-se até dos irmãos e andava sempre sozinho, pelo cantos, ensimesmado e pensativo. Quando completou quinze anos, começou a trabalhar na olaria. Os outros irmãos

já trabalhavam lá. Terminara o grupo escolar e passava o dia junto ao calor do grande forno, lidando com tijolos de barro como se fossem pães. De noite saía vagabundando pela rua, cruzava a ponte sobre o rio, às vezes, depois de muito andar, acabava saltando a cerca do pasto, ia sentar-se na pedra grande do barranco, junto à estrada de ferro. Lembrava-se da morte do Pingolinha — nunca mais esqueceria a impressão que teve no enterro, o caixãozinho branco que na última hora arranjaram, o cortejo a pé da sapataria ao cemitério, a cara do Seu Gervásio, a reza do Padre, a terra caindo na sepultura com um barulho oco. Olhava longamente os trilhos de aço que brilhavam à luz da lua, e se perdiam longe, no infinito. Sentia uma emoção tomá-lo de repente, que era a um tempo o medo da morte e uma vontade de partir. Nada ele desejava mais na vida que um dia tomar o trem e ir para longe, longe de todos, para um lugar que não sabia onde.

No dia que virou homem, um sentimento novo se aposou dele. Porque Geraldo Viramundo virou homem de repente, num dia em que, às quatro horas da tarde, olhou para o mundo e surpreendeu um de seus mistérios.

Era uma tarde de sábado, e ele estava deitado debaixo de uma mangueira no quintal de sua casa. Havia silêncio em tudo, pairando sobre as árvores e as coisas ao redor. O sino da igreja tinha acabado de bater. Então Geraldo Viramundo se apoiou nos cotovelos e estendeu o olhar, meio para longe, meio para cima. Centenas de vezes tinha estado ali, naquela mesma posição, era uma paisagem conhecida e tão familiar como o seu próprio modo de viver, que nela se completava. Mas naquele mesmo instante uma buzina de automóvel soou na estrada, um boi mugiu no pasto, uma menininha de vermelho passava cor-

rendo lá longe, na ponte, um vento leve começou a sacudir a ramagem das árvores. O momento assim surpreendido parecia conter um significado qualquer que lhe escapava, e a que tudo se subordinava, como as notas de uma música. Geraldo Viramundo se sentiu mais só do que quando mergulhava no rio, mas era uma solidão feita de desamparo e de saudade da infância — quando, minutos mais tarde, se ergueu e caminhou em direção à casa, percebeu que não era menino mais. O mugido do boi se repetiu, a menina de vermelho era agora plenamente visível, muito mais perto, e se tornava mesmo na filha do Seu Raimundo da olaria, levando a marmita do pai. Outra buzina se fez ouvir na estrada e o vento continuava a soprar sobre as árvores. Mas agora tudo eram incidentes naturais na paisagem, sem músicas e sem mistérios.

Logo a mãe o chamou da janela para a janta.

POR ESSA ÉPOCA, Boaventura se mudou para a cidade, deixando a casinha da estrada e a venda aos cuidados de seu filho Breno. Um padre seu conterrâneo, de nome Limeira, que estava de passagem por Rio Acima, abençoou a casa e lá se hospedou por algum tempo. Fora vigário na cidade natal do Boaventura, e ambos não resistiram à tentação de matar saudades da terrinha.

Um dia Geraldo Viramundo perguntou ao Padre:

— Padre Limeira, em que é que o padre é diferente dos outros homens, além da batina?

Esta pergunta, feita assim sem mais nem menos, desconcertou o Padre. Voltando-se vivamente, ele se dispunha mes-

mo a censurar aquele desrespeito, mas deu com uns olhos sérios que o fitavam, esperando a resposta, e não parecia haver neles a intenção de desrespeitar ninguém.

— Que pergunta, menino — falou então. — O padre é o representante de Deus na terra.

— Eu sei. — Geraldo Viramundo insistiu: — Mas eu quero saber a diferença entre o padre e os outros homens. Por que os outros não podem ser representantes de Deus na terra?

Padre Limeira não sabia o que dizer, nem onde o rapazinho queria chegar:

— O padre se prepara para isso — respondeu evasivamente. — Ele é tocado pela Graça.

— Tocado por quem?

— Pela Graça: pelo divino Espírito Santo. Você não estudou catecismo?

— E por que os outros homens não são tocados pelo divino Espírito Santo?

Agora o Padre já se pusera mais à vontade para explicar:

— Não são porque levam uma vida de pecados e dissolução. O padre tem o poder de Deus para perdoar estes pecados. Quando você se confessa, Deus perdoa seus pecados através do padre.

— O padre nunca peca?

— Peca também, ora essa. Mas é diferente.

— Isso é que eu perguntei: diferente em quê?

Nesse ponto o Padre percebeu que tudo ia começar de novo e perdeu a paciência:

— Por que é que você quer saber?

— Porque eu talvez resolva ser padre.

Padre Limeira esperava por tudo, menos por esta.

— Muito bem, meu rapaz. Fico satisfeito em saber. Vou lhe explicar: a diferença está em que o padre dedica-se inteiramente a Deus. Foge dos prazeres do mundo e põe-se a serviço da religião, pela prática da oração, da obediência, da vida ascética, da meditação.

Geraldo Viramundo quis saber o que era “vida ascética”. O Padre explicou-lhe como pôde, e a conversa ficou nisso. Mas influenciada pela presença do Padre, a vida de Geraldo ia-se transformando inteiramente. O misticismo crescia nele com poderosas forças: começou a policiar com dureza os seus pecados, duplicou o número de orações durante a noite. E tendo entendido à sua maneira o que o Padre lhe ensinara, começou também a praticar o seu ascetismo: passou a recusar a sobremesa depois do jantar, e para que ninguém desconfiasse, metia as mãos nos bolsos e saía assobiando; todas as noites, antes de se deitar, ficava parado com os braços abertos, sem se mexer, enquanto contava baixinho, como no tempo em que mergulhava no rio, até que a dor no corpo o prostrava sobre a cama; ficava se excitando mentalmente, a pensar as maiores imoralidades, já deitado, até que o sexo lhe doía de tanto desejo, e depois, mãos atrás das costas, se recusava. Quando fracassava neste último sacrifício (o que aconteceu quase todas as vezes), martirizava o corpo no dia seguinte, intensificando ainda mais os outros. Eram de uma variedade infinita, desde o mosquito que lhe pousava na testa e que ele, embora morrendo de cócegas, se recusava a espantar, até a vitória sobre o desejo de olhar para trás quando passava a filha dos italianos do empório. Também passou a cultivar a obediência de uma maneira exagerada, a ponto de os irmãos abusarem dele. Um dia Breno, o mais velho, achou graça quando o pôs a descarregar sozinho umas

sacas de arroz de um caminhão, e ao fim deu com ele estendido no chão, prostrado de cansaço:

— Arriou a trouxa, seu frouxo?

Só a meditação é que não conseguia atingir, pois, embora fosse hábito seu já de longo tempo andar sozinho, absorvido em pensamentos, não sabia propriamente em que meditar.

— Meditar em quê, Padre Limeira?

Um dia, sem pensar muito tempo, enfrentou o espanto geral da mesa de jantar, falando de repente:

— Papai, eu quero ser padre.

A presença do Padre Limeira fez o resto. Por esse tempo, além do mais, Geraldo Viramundo já não trabalhava na olaria, pois o Boaventura, que, como eu disse, também tinha começado na olaria, estava melhor de vida e achava o trabalho lá pesado demais para o filho. Assim sendo, Geraldo Viramundo não trabalhava em lugar nenhum e passava o dia inteiro dentro de casa. Tudo foi assentado com o Padre Limeira, que se dispôs a levá-lo para o seminário.

Houve choradeira de Dona Nina, o Boaventura disfarçou uma lágrima em duas graçolas na hora da despedida e numa manhã de fevereiro Geraldo Viramundo deixou Rio Acima e tomou o trem de ferro pela primeira vez na vida (já parava lá) a caminho de Mariana.

ISBN 978-85-465-0100-7



9 788546 501007

“O relato das aventuras e desventuras de Viramundo e de suas inenarráveis peregrinações não é apenas a obra-prima da vasta produção de seu autor, mas estou certo de que ficará como uma das expressões marcantes da nossa história intelectual, criadora de um tipo insólito e representativo, que vai permanecer ao lado dos personagens mais famosos de nossa ficção literária.”

TRISTÃO DE ALMEIDA

“O povo brasileiro sofrido, batido, humilhado, mas sempre de pé, lutando, jamais vencido nem desesperado, ei-lo novamente o herói e nossa literatura. Neste livro ele se chama Geraldo Viramundo, o Grande Mentecapto, ou seja, o cordial, o generoso, o justo, o corajoso, o imbatível homem brasileiro.”

JORGE AMADO

“Fernando Sabino, na posse madura da arte de escrever, mostra-se sempre à vontade neste livro ágil, matreiro e comovente, em que loucura e razão se entrelaçam e não se sabe ao certo onde está o absurdo. (...) A gente sai do livro amando o mentecapto como o irmão que não tivemos.”

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE